

Precisamos exportar

US\$ 26 bilhões este ano

Para ter um superávit de US\$ 1 bilhão em sua conta do comércio exterior, o Brasil precisará exportar este ano US\$ 26 bilhões. E é na concretização desta hipótese que o governo tem-se empenhado, principalmente no sentido de atingir os US\$ 15 bilhões nas exportações de manufaturados, que no ano passado chegaram a US\$ 11,3 bilhões.

A necessidade de elevar consideravelmente as vendas brasileiras de manufaturados vem sendo enfatizada desde o início do ano, com o argumento de que os produtos primários, cujas exportações em 1980 atingiram US\$ 8,4 bilhões não poderiam garantir a necessária elevação do total de US\$ 20,1 bilhão no ano passado para os 26 bilhões pretendidos.

Mesmo assim o governo vem fazendo esforços para manter volumes consideráveis de vendas de produtos primários tradicionalmente exportáveis, como o café e o açúcar. Mas já se sabe que os resultados em termos de divisas não serão dos melhores, pois há uma deterioração nas cotações internacionais desses produtos, já há algum tempo.

O café, por exemplo, será exportado em maior quantidade (16,2 milhões de sacas previstas, contra 15,2 milhões em 1980) com resultados mais pobres: US\$ 2,7 bilhões no ano passado e US\$ 2,2 bilhões, nas previsões mais otimistas, este ano.

AGRESSIVIDADE

A chamada crise internacional do petróleo, começada no início dos anos 70, criou uma conjuntura bastante difícil para os vendedores que disputam o mercado de manufaturados, sobretudo para os países não desenvolvidos, como o Brasil. Eles têm que colocar seus produtos num mercado saturado de exportadores tradicionais, como a Alemanha, o Japão, os Estados Unidos e outros. Para enfrentar essa concorrência o governo brasileiro tem lançado mão de artifícios como o recém-restabelecido crédito-prêmio à exportação, uma medida que os Estados Unidos, por exemplo, classificam como uma volta aos subsídios à exportação. O ministro brasileiro da Indústria e do Comércio, João Camillo Penna, responde à acusação dizendo que os créditos-prêmios são apenas uma "reação" às medidas que certas nações vêm tomando para dificultar as exportações brasileiras.

Com esta nova medida de incentivo as vendas brasileiras no exterior, que haviam sido fracas nos dois primeiros meses do ano, já haviam alcançado US\$ 7 bilhões até o fim de abril, tendem a crescer pelo menos 30% até o fim de junho. Este desempenho é o suficiente para que Benedito Moreira, diretor da Cacex afirme que "vamos cumprir integralmente a meta de exportar US\$ 26 bilhões em 1981".

Benedito Moreira destaca o fato de que os manufaturados entram com 55% nos números atuais e que isso, por si só, condiciona favoravelmente o ano de 1982 para uma performance ainda melhor, pois a grande participação dos manufaturados na receita do País continuaria em ascensão, modificando o próprio perfil exportador nacional.

O presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, Laerte Setúbal, também acha que a meta governamental é alcançável, desde que a produção agrícola atinja 54 milhões de toneladas, garantindo uma quantidade excedente exportável. Setúbal, embora acredite que o Brasil continuará colocando manufaturados no mercado internacional, acha que esta colocação ficará cada vez mais difícil, daqui para a frente.

O ex-ministro Marcos Vinícius Prati de Moraes é da mesma opinião dos outros dois especialistas: ele acredita que alcançaremos o objetivo exportador traçado pelo governo "porque a queda notória dos preços de alguns produtos primários será facilmente compensada pelo aumento das vendas dos manufaturados".

Certas eventualidades e uma pressão constante do governo sobre certos setores industriais — como o têxtil, do qual se está cobrando constantemente o programa de exportações de US\$ 1 bilhão — parecem confirmar as esperanças de Moreira, Setúbal e Prati de Moraes. O País já é, por exemplo, o maior exportador mundial de suco de laranja, posição assumida com a ruína dos laranjais da Flórida por eventuais fatores climáticos.

E em defesa dessas esperanças vem também nova interrelação governo/exportadores que modificou fundamentalmente o comportamento vendedor do País. Por exemplo: nos anos sessenta e mesmo numa parte da década passada, o país desenvolveu mais no sentido de "ter o que exportar" do que no de reduzir suas importações. Depois veio, naturalmente, a fase em que foi preciso acabar com a vulnerabilidade nacional representada pela dependência de produtos primários. Houve a formação de uma receita cambial diversificada quanto à pauta e quanto aos mercados. Tanto que hoje há mais de 7 mil itens exportáveis produzidos no Brasil, 60% deles manufaturados. E os compradores desses itens são mais de 150 países e territórios. Embora os grandes parceiros comerciais continuem sendo as grandes economias (MCE, EUA e Japão) 40% das exportações brasileiras já se destinam à África, Ásia, Oriente Médio e América Latina. Para enfrentar esses mercados o País prepara seu próximo passo: a reunião em consórcios — já há 17 deles formados — de 20 mil empresas pequenas e médias de todo o País.

PRINCIPAIS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - US\$ 1.000 Fob

Janeiro/Março - 1980/1981

PRODUTOS	1980	%	1981	%
Minérios Metalúrgicos	375.123	9,11	495.448	9,56
Farelo de Soja	174.064	4,23	464.251	8,96
Café cru em grão	404.160	9,82	453.307	8,75
Material de Transporte	282.378	6,86	429.045	8,28
Caldeiras e instrumentos mecânicos	285.766	6,94	336.170	6,49
Açúcar demerara	204.297	4,96	191.755	3,70
Suco de Laranja	119.449	2,90	183.027	3,53
Calçados	97.877	2,38	141.255	2,73
Óleo de soja em bruto	23.264	0,56	136.987	2,65
Máquinas e aparelhos elétricos	90.793	2,20	127.963	2,47
Demais produtos	2.059.934	50,04	2.220.634	42,88
Total Janeiro/Março	4.117.106	100	5.179.842	100

FONTE: CACEX